

Redes midiático-digitais, literatura e cultura

Prof^ª. Dr^ª. Martha Alkimin (UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro)

RESUMO: *As indagações que motivam este trabalho situam-se em torno dos efeitos do desenvolvimento das novas tecnologias midiático-digitais e suas complexas interações com a produção literária contemporânea no Brasil. Realidade midiática e instância ficcional literária encenam processos que sinalizam não apenas o surgimento de novas formas de produção literária, mas questões que problematizam coordenadas teóricas centrais no plano da cultura.*

Palavras-chave: literatura, cultura e mídia

Todas as sociedades dispõem de um saber coletivo compartilhado que serve de referência para a ação social coletiva, a partir de uma programação semântica que seja inequívoca aos seus integrantes e que a longo prazo assegura a estabilidade das estruturas sociais. A mídia representa um ângulo importante na concretização desses saberes coletivos por ser uma provedora de realidades, por fornecer motivos estabelecidos convencionalmente para construções individuais e coletivas de sentido. Refletir sobre a mídia, entretanto, exige uma diferenciação sobre vários de seus aspectos, os quais, de acordo com Sigfried Schmidt (1994), vão dos meios de comunicação estabelecidos por convenção dos materiais empregados na comunicação (é o caso da escrita, da gramática, do léxico), passam pela oferta de mídia, isto é, os resultados do uso de meios de comunicação, a exemplo dos textos; alcançam as técnicas empregadas na elaboração de ofertas midiáticas, particularmente presente no computador usado para escrever, incluindo, ainda, as instituições, vale dizer, as organizações necessárias à elaboração de ofertas de mídia, como as editoras, incluindo aspectos econômicos, jurídicos e sociais interligados. A mídia, portanto, é constituída por todos os processos comunicativos em uma sociedade, donde emergem espaços de produção de experiências; ela funciona como mediadora intersubjetiva de processos cognitivos, e ao realizar uma comunicação bem sucedida, na medida em que oferece contribuições a temas, para os quais existem modelos instituídos socialmente e para construções individuais de sentido, fortalece e materializa o conhecimento social, a identidade individual e coletiva, assim como a impressão de unidade e coerência dos

valores e normas assumidos e compartilhados pelos sujeitos. É por essa razão que a propagação de sistemas midiáticos de massa se converte em um índice problemático, uma vez que eles abastecem o repertório de experiências comuns da sociedade, criando a ilusão de um mundo único.

A dimensão reguladora da cultura - que marca os limites dentro dos quais a individualidade pode se desenvolver, com uma sua exploração mais ou menos criativa - abre espaço para o papel das ficções literárias no que respeita à ampliação dos limites da experiência cognitiva, estética e afetiva dos sujeitos, as quais são responsáveis pela possibilidade de outras tematizações não previsíveis nos modelos dicotômicos considerados legítimos na ordem da realidade cotidiana.

É possível compreender o fenômeno das sociedades midiáticas, nomeadas por S. J. Schmidt (1982), como “sociedades midiaculturais”, em sua articulação como modelos de realidade. Essas sociedades criam uma gama variadas ficções operacionais, cuja finalidade é assegurar o bom funcionamento das sociedades. Segundo as proposições de Schmidt, nos processos de comunicação, objetivamos fazer com que se realizem operações de orientação semelhantes as que dispomos. Na certeza de que todos possuem as mesmas condições para tal e que todos somos socializados de forma lingüisticamente semelhante, procuramos a produção de consensos, que depende exclusivamente de convencionalização e cooperação e não de uma orientação consoante à realidade. A literatura ainda que integrante do sistema social e cultural, é aqui isolada, por não forjar uma imagem de mundo, que espera ser confirmada e assumida como realidade, o que dialoga com uma questão importante na esfera da cultura, ou seja, culturas diferentes representam formas diferentes de elaboração de uma realidade; logo, as noções de valor, verdade e adequação não podem ser orientadas pelas perspectivas de um olhar objetivo da verdade. Nesse ângulo, é importante, para a compreensão da invalidação das categorias verdade, valor e adequação no interior dos sistemas culturais, a idéia de que as ações e comunicações organizam-se em categorizações indispensáveis que produzem conhecimento com vistas a garantir estabilidade às sociedades. Essas categorias são ficções sociais das quais resultam estruturas e processos supostamente compartilhados. São ficções esquematizam nossas experiências as quais nomeamos como realidade e o senso comum transforma-as em fatos e as vivencia como se assim o fossem.

Na esteira da proliferação de ficções sociais, a mídia ocupa um papel de destaque, na medida em que é responsável pela produção de ficções que, como assinala Wolfgang Iser (1995, p.12), fazem a "estetização dos significados". A realidade, portanto, torna-se deslizante e maleável, e esse processo pode ser pensado duplamente: de um lado, a mídia provê uma realidade manipulável; e de outro, elabora a ficção da existência de uma esfera pública e de uma opinião pública, donde decorre outra ficção: a de que todos participam dessa esfera pública e partilham das mesmas visões da opinião pública. Além disso, movida pela produção do novo, pelo desejo de criar um permanente efeito de surpresa – o que determina o que possui valor informativo, ou não - o poder dessas ficções se acentua ainda mais, em virtude de fatos serem gerados a partir de ficções e vice-versa.

A criação de ficções e sua elevação ao estatuto incontroverso de fato, ou o contrário, antecede historicamente o advento das sociedades midiáticas contemporâneas e em razão disso não haveria nessa qualidade das mídias nenhum caráter significativo ou problemático. No âmbito da geração de fatos a partir de ficções e vice-versa agenciada pelas mídias, observa-se a presença de um dado importante na comunicação midiática, isto é, o aspecto de que, ao demandarem a veiculação do novo, noticiários de tv e jornais precisam ser factualizados para se assegurar sua credibilidade. A propagação dos sistemas midiáticos de massa assinala construções de realidade, em termos cada vez mais abstratos e indicam crescentes áreas de complexidade tanto em termos da qualidade interacional dos sujeitos quanto no nível das experiências individuais e coletivas e mesmo no que concerne as suas noções, por exemplo, de identidade nacional. Por esse ângulo, é possível perceber um índice de que os conteúdos semântico-culturais das sociedades contemporâneas assistem a novas formas de organização, por meio de processos de estetização que vêm modificando nossas relações tradicionais com o conhecimento, suas categorias, sua construção, apropriação e sistematização, especialmente no contexto da chamada terceira transformação tecnológica por que passaram as mídias de massa.

Mídias tradicionais – rádio, tv, jornais – ou de última geração acionam uma estranha modalidade de inclusão e exclusão dos indivíduos, inaugurando, por sua estrutura descontínua, sofisticados processos de ficção que se inscrevem no campo da cultura como um problema quanto às formas e às perspectivas dos sujeitos e suas construções de sentido, ou entre os observadores, suas fronteiras de auto-referência e suas observações. Importante

nesse sentido é o que informa o conjunto de fenômenos a que grosseira ou ingenuamente chamamos de "novas tecnologias" porque elas recobrem todo o complexo das atividades humanas e dos processos sociais, mas retornam para os indivíduos como algo excêntrico. Lembre-se aqui dos processos de reificação em que a produção do mundo, embora humana, exclui do próprio homem a consciência dessa autoria. No plano das tecnologias digitais, quanto mais rápidas as transformações, tanto mais elas despertam um olhar de estranheza e perplexidade. A cultura descrita como esfera de saberes coletivos, elaborados a partir de processos comunicativos e cognitivos consensualizados, responsáveis pela definição dos modelos de realidade dos indivíduos, situada na tensão entre a conservação de uma ordem e a produção de instabilidades dentro dessa mesma ordem, permite a construção de vias alternativas, para a redefinição dos modelos, abrindo redes de afirmação para outros regimes de conhecimento e, por consequência, para outras realidades. Essa possibilidade de fuga das trilhas previamente sugeridas para as condutas individuais e coletivas disponibilizadas pela cultura permitem-nos, por exemplo, questionar um viés das teses de Jean Baudrillard, em especial, no que se refere aos destinos da técnica, das máquinas e do pensamento.

Baudrillard nos dá conta de que, pela interposição do espetáculo do virtual, a experiências coaguladas e inférteis, resultantes da paralisação de nossas faculdades criativas e imaginantes. Trata-se de uma perspectiva em que nada escapará de uma equação simplificadora agenciada pela técnica, uma vez que inventamos um equivalente geral, o virtual, que surge como um ciframento, uma codificação, uma forma de troca em que a nossa singularidade, o petróleo ou qualquer mercadoria são equivalentes. Na sequência de um mundo em que tudo é negociado como mercadoria, qualquer coisa pode substituí-lo, tornando inúteis a produção, o trabalho, o pensamento, porque o mundo maquinal bastaria. E isso faz com que o filósofo sustente o quanto é preciso revisar nosso julgamento em relação a uma técnica alienante, que atribui à inteligência artificial uma espécie de função superior a todas as outras. É nesse sentido que estaríamos vencidos pela máquina, tanto quanto o estamos, na medida em que se aposta na verdade objetiva e racional. Só o pensamento, que diante da maquinaria do virtual, entregando-se à clandestinidade, ou seja, situando-se fora das dimensões da inteligência artificial e do virtual, poderia de fato estar livre para refletir sobre ele mesmo e sobre os homens. Essa visão, entretanto, não considera

que, uma vez que localizado na interseção dos sistemas sociais culturais e estéticos, é dado ao sujeito a condição de experimentar possibilidades de conhecer e propor sentidos alternativos ao mundo, nomeando a si próprio e as suas vivências. Por isso a importância de se investigar as construções de conhecimento, ou dos conteúdos elaborados no interior dos sistemas de saberes compartilhados, que visam assegurar sua estabilidade, por meio de estruturas sociais que procuram programá-las. Aparentemente, em virtude da força dos sistemas midiáticos e das tecnologias do virtual, estaríamos condenados ao fechamento semântico do mundo e, por consequência a uma pré-fixação das experiências e de seus significados, não fosse o fato de que esse indivíduo é um sujeito, socializado e pluralizado, um observador em potencial, que se inscreve numa relatividade, em virtude de se situar no marco do conhecimento que produz, das orientações culturais de que partilha e das relações sociais que constitui. Se toda produção de sentido se realiza sob o signo de uma relação contextual, ainda que as mídias, as tecnologias do virtual e mesmo a inteligência artificial forjem e reforcem a tematização de modelos de mundo esquematizados pela cultura, o sentido, o significado e o valor de tais conteúdos – porque dependentes do sujeito que também carrega em si a possibilidade da autonomia – podem ser repensados fora de certos círculos deterministas. O que parece ameaçador é o fato de que as mídias de massa não interativas dão prosseguimento e consistência à linhagem cultural da totalização, negligenciando alternativas possíveis de agir, comunicar e viver, sobretudo porque a mensagem midiática destina-se a milhares ou milhões de indivíduos. Ao objetivarem alcançar um denominador comum, os sistemas midiáticos realizam poderosos processos ficcionais por intermédio da idéia de um olho e de um ouvido únicos e comum a todos.

As mídias, que funcionam como um meio de nossa percepção e conhecimento, transformando os fenômenos em entidades identificáveis articulam programas que institucionalizam valores de verdade e de realidade, investindo, para isso, nas convenções de factualidade, ou seja, nos protocolos que atestam normas e convenções como realidades e não como produtos culturalmente elaborados pelos sujeitos. Entretanto, os próprios discursos sociais, embora escamoteiem sua ficcionalidade, sob a máscara dos protocolos de verdade, são dotados igualmente de conteúdos ficcionais. Se admitirmos a hipótese, consoante S. J. Schmidt, de que a organização de nossas experiências se dá por intermédio de um sistema de ações e comunicações que ergue estabilidades para todas as ações

sociais, criando uma lógica que institui convenções e categorizações, que esquematizam as interações para as interações entre os indivíduos, as ficções operacionais e a esfera multimidiática figuram como uma via de escoamento e sistematização de conteúdos eficazes, dada a sua abrangência social. Assim, configura-se, como muito tênue a membrana que divide a realidade da ficção, se nos deslocarmos das perspectivas ontológicas e dicotomizadas em que essas categorias tradicionalmente se inscrevem.

A multiplicação dos processos midiáticos e das tecnologias digitais alterou fortemente nossos modos perceptivos, comunicacionais e acionais, nossas noções de público e de privado. A virulência de tais mutações também vem ratificando que não vivemos uma realidade, mas uma pluralidade de realidades culturalmente diferentes. Processos midiáticos de alto grau de complexidade como a que assistimos na contemporaneidade são responsáveis pela intensificação das questões sobre observadores e observações de segunda ordem. A assunção de tal perspectiva corresponde à experiência da diferença e da contradição, tendo em vista que os atos de diferenciação e designação dos sistemas cognitivos e comunicativos dos sujeitos conduzem à corrosão de valores inquestionáveis, de raciocínios apodícticos sobre a realidade ou a respeito de uma verdade única, para ingressarmos no marco da plausibilidade como uma categoria que constela o vir a ser, o tornar-se, a despeito de todo inventário auto-regulador das ficções operacionais.

Considerando os níveis de problematização e as implicações dos posicionamentos diante de uma sociedade informatizada, virtualizada e em vias de elaboração de um projeto coletivo de integração total via rede, e a despeito do lançamento de olhares melancólicos em relação ao futuro, os espaços virtualizados pelas tecnologias registram uma mutação em todas as esferas da cultura. Esses novos mapas culturais, em contínuo movimento informam a remodelação de certas atividades cognitivas fundamentais que envolvem a linguagem, a sensibilidade, o conhecimento e a imaginação inventiva. Da escrita à leitura, do jogo à elaboração de imagens, das relações ensino-aprendizagem à atividade científica, os dispositivos técnicos progressivamente vêm reestruturando não apenas essas atividades, mas, por meio delas, as próprias relações sociais.

As transformações culturais, em particular na atividade específica do pensamento, operadas pelas tecnologias informacionais, não representam, na contramão da visão de

Baudrillard (2001) o extermínio do pensamento, nem mesmo o ato de confiar à inteligência das máquinas a responsabilidade do saber pela introdução da potência do cálculo e da simulação; não significa também uma modificação ou a redução dos fenômenos, os quais são para o filósofo não suscetíveis ao tratamento informático, até porque tais fenômenos já são em si produtos da construção dos observadores, modelações do olhar sobre o mundo.

Pode-se afirmar o caráter de máquinas de ficções dos sistemas midiáticos em seus processos de estetização dos significados para as experiências por eles doadas e compartilhadas, sem que isso represente uma negatividade. A proliferação de ficções sociais não é um embuste a ser combatido, um mal a ser extirpado, mas a ser problematizado como um fenômeno também gerador de áreas baldias em que se processam outras formas de estetização do mundo e da vida, excêntricas ao raio de ação e de sistematização de valores e condutas forjadas prevalentemente nas mídias, sobretudo as não interativas. Na condição constructos, ficções sociais são expedientes por meio dos quais tracejamos os mapas que nos dão acesso ao conhecimento do mundo. Nesse sentido, a reflexão sobre as ficções nossas de cada dia confrontam-nos com a possibilidade de recusarmos a resignação e a alienação. Nossos dias de realidade não se foram e, quase paradoxalmente, são as ficções nossas de cada dia que nos asseguram disso, se pensarmos na articulação entre a possibilidade de autonomia dos sujeitos e a sua faculdade de exercitar a atividade modeladora, capaz de o remeter a experiências e a dimensões vivenciais alternativas.

No ângulo dos espaços interconectados da rede global digital, um novo domínio para a construção de outras ficções também se constitui. Conexões digitais tracejam uma teia labiríntica, como os mundos labirínticos de Jorge Luis Borges, que se espriam, de modo exponencial em temporalidades simultâneas. Negligenciar ou subestimar seu desenvolvimento significa negar suas constelações no cenário de nossas construções de sentido da realidade. Mais do que uma versão contemporânea de uma vasta biblioteca, ou palco de informações desconexas a vagarem entre diversas modalidades de lixos informacionais, esse novo domínio digital e cultural engendra novos modos de organização dos repertórios socio-culturais.

Os sistemas midiáticos não podem ser compreendidos apenas como um dispositivo que atende às demandas homogenizadoras dos programas socio-culturais. Seria simplório demais apostar na hipótese de que tais sistemas engendrariam somente o controle e o esfacelamento das identidades, porque os sujeitos sociais podem potencializá-las como cenário para a construção de outros possíveis sentidos para a realidade.

O deslocamento de uma tecnologia impressa e linear para a virtualidade do ciberespaço, cuja organização é alinear, carrega implicações no âmbito da própria relação do texto virtualizado. Noutras palavras, no plano das tecnologias virtuais, a ausência de um enquadramento contextual para os textos, e sem a sua dependência de um eixo histórico-social, no cenário das tecnologias virtuais, o leitor é forçado a criar contextos para construir possíveis sentidos. Há nisso um deslocamento significativo de nossas atividades cognitivas e perceptivas que passam a operar com a flutuação de blocos variados de hipertextos, multilineares, em interseção com uma complexa rede. Os links disponíveis são rotas de composição do fenômeno texto, e sua escrita também sofreu um descentramento radical, tendo em vista que o ato de escrever inseriu-se numa sequência exponencial de associações. Dito de outro modo, os núcleos de pensamentos de um texto podem ser gravados em hiperlinks. A linearidade física da escrita tradicional, a qual é assegurada por paginações, sumários, índices e dispositivos semelhantes que ancoram o texto numa hierarquia espacial, vê-se substituída, com o advento da mediação digital, pelo permanente movimento das demandas e interesses do leitor e o sistema de referências ilimitado disponibilizados na *Web*. Isso aciona uma visão também inédita de literatura, uma vez que ela se desprende de uma noção frequentemente disponibilizada como objeto absoluto e fechado, o que ratifica a dimensão efetivamente aberta da obra.

Por nos inscreverem em outras coordenadas espaço-temporais, as vivências do ciberespaço modificam as experiências estéticas com o texto, agora cada vez mais flutuantes e remodeláveis, e impõem aos estudos literários, novas exigências em torno de noções como originalidade, autoria e construtividade dos significados, haja vista que nesse novo domínio trafegam usuários e não autores em sentido clássico, que erguem, fazem e refazem textos em redes. Tais usuários, ao manejarem o tecido da rede de hipertextos, exercem um papel na socialização, indicando a presença de multiplicidades de realidades diversas. Por fim, assistimos, ainda, a partir desse fenômeno, ao desencadeamento da

criação do texto como uma prática pública, em que por intermédio de cooperações entre usuários, que comentam os textos, interferem na construção da obra. Essa ação traduz na prática que, como observa. S. J. Schmidt (1989, p.62), textos não carregam significações prévias; são os sujeitos, que numa relação histórico-cultural, as elaboram.

As ficções nossas de cada dia, ou em outros termos, nossos procedimentos de estetização do mundo vivido, alojam-se nessas modalidades de conhecimento e de comunicação que por sua vez alteram a própria racionalidade que dá à realidade uma condição de existência

No âmbito da formação de novos mapas culturais está-se diante de uma questão que reporta aos domínios dos procedimentos abrangentes de estetização, superficiais e profundos, uma vez que suas conseqüências políticas e sociais ricocheteiam nesses mesmos procedimentos e, talvez, possam fazer emergir a produção de algo efetivamente importante no interior da estetização, ou seja, a sensibilidade para a diferença e a pluralidade.

Referências bibliográficas

- _____. *A troca impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.
- _____. *A ilusão vital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- _____. *Senhas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- SCHMIDT, S. J. Media societies: fiction machines. <http://www.kommunix.uni-muenster.de/IFK/lehre/Media>.
- _____. Interpretation: Sacred cow or necessity? In: *Poetics* : journal for empirical research on literature, the media and the arts. Amsterdam: North-Holland, v.12, 1983.
- _____. Construtivismo na pesquisa da mídia: conceitos, críticas, conseqüências. *Palavra*, Rio de Janeiro, PUC-RJ, n.2, p.111- 137,1994.
- _____. On the construction of fiction and invention of facts. *Poetics*. Amsterdam: North-Holland, n.18, 1982.
- WELSCH, Wolfgang. Estetização e estetização profunda: ou a respeito da atualidade da estética nos dias de hoje. Tradução: Álvaro Valls. *Porto Arte*, Porto Alegre, UFRGS, n.9, p.7 –22, 1995.

